

Artigos

Jorge Alberto Salton

Coleção de textos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados em redes sociais, jornais, revistas e livros diversos, disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 30/06/2007

Título : A casa tomada: uma aula de psiquiatria

Categoria: Artigos

Descrição: Em A casa tomada, Júlio Cortazar descreve um curto momento da vida de um irmão e de uma irmã que moram sozinhos em Buenos Aires...

A casa tomada: uma aula de psiquiatria

JORGE ALBERTO SALTON

Em A casa tomada, Júlio Cortazar descreve um curto momento da vida de um irmão e de uma irmã que moram sozinhos em Buenos Aires, na velha casa herdada de seus pais (Bestiário, Edibolso, 1977). O escritor cria um surrealismo que toca a realidade.

Publicado em 1951, chamou a atenção do mundo literário da época. Jorge Luis Borges afirmou: "O conto A casa tomada de Cortazar pode ser considerado como uma das maravilhas do realismo fantástico". Podemos lê-lo sob vários prismas, e vou optar por um.

O irmão principia a ouvir ruídos que vem de uma parte da casa. Isola aquela parte e comunica a irmã que "tomaram" aquele pedaço. A irmã quer saber se ele tem certeza. Ele tem. Ela aceita como verdadeira a interpretação do irmão. Aos poucos, vão perdendo mais e mais quartos que estão sempre sendo tomados por alguém ou algo que nunca aparece no relato. Os irmãos lastimam perderem os objetos que vão ficando nos cômodos perdidos. Finalmente, só lhes resta o hall de entrada. No final, perdem a casa toda. Na rua, jogam a chave num boeiro: "Estávamos com o que tínhamos no corpo. Lembrei-me dos quinze mil pesos no guarda-roupas do meu quarto. Agora era tarde. Como me sobrava o relógio, vi que eram onze horas da noite. Cingi com meu braço a cintura de Irene (acho que ela estava chorando) e saímos assim à rua.

Antes de nos afastar tive pena, fechei bem a porta da entrada e joguei a chave no bueiro. Não fosse algum pobre-diabo resolver roubar e entrar na casa, a essa hora e com a casa tomada". Cortazar, em entrevista a Ornar Prego, publicada no livro "O fascínio das palavras" (José Olympio, 1991) revela: "Eu sonhei aquilo. A única diferença entre o sonho e o conto é que, no pesadelo, eu estava sozinho. Estava numa casa, que é exatamente a casa descrita no conto, e via tudo com muitos detalhes, e num dado momento ouvi ruídos vindos da cozinha, fechei a porta e voltei." (...) "Era pleno verão, e eu acordei encharcado por causa do pesadelo. Já era de manhã - a máquina de escrever ficava no meu quarto - e nessa mesma manhã escrevi o conto inteiro, de um tirão".

O conto é uma aula de psiquiatria, na qual observamos a forma como se difunde uma idéia delirante, que começa pequena e vai ocupando toda a mente do indivíduo. A idéia delirante tem esta característica, inicialmente o indivíduo se ocupa pouco com ela, depois mais, mais e, finalmente, quase só pensa nela.

Uma idéia delirante consiste numa falsa crença não corrigida pela confrontação com a realidade. Tende a se expandir no interior do indivíduo e ocupar um espaço muito grande em seu pensamento. As idéias delirantes mais comuns são de perseguição e de grandeza (para ler mais a respeito: www.salton.med.br).

De forma bem simplificada, uma pessoa está psicótica, louca, no chamar leigo, quando ela confunde seus pensamentos, imaginações ou fantasias com a realidade. Normalmente sabemos distinguir. Por exemplo, um sonho à noite, é um sonho. O sonhar acordado de que ganhamos na loteria, noutro exemplo, não significa para nós que isso realmente aconteceu. Há uma fronteira. Quando perdemos esta fronteira, estamos psicóticos.

O estado psicótico pode se apresentar, ao mesmo tempo, em duas pessoas que convivem. Podem desenvolver o quadro por problemas internos de cada uma, que se manifestam ao mesmo tempo na forma de uma idéia delirante semelhante. Ou apenas um desenvolve o quadro e "contamina" o outro, no sentido de submetê-lo a suas falas-crença.

No conto de Cortazar, o irmão desenvolve a idéia delirante, a irmã acaba o acompanhado, "dançando a música dele". Trata-se de uma psicose a dois, por "contaminação".

O texto, um dos melhores contos da literatura mundial, também aborda outro tema: os dois viviam "um simples e silencioso casamento de irmãos", nas palavras do escritor. Uma relação incestuosa que poderia ser exclusivamente afetiva, sem a presença de relações sexuais. Tal tema requer outra crônica. Mais longa.

(Jorge Alberto Salton é psiquiatra, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista

Água da Fonte n°5

Data : 31/07/2005

Título : A coragem no médico

Categoria: Artigos

Descrição: Este momento, meus afilhados, me faz recordar de sons, sons de instrumento e de vozes.

A coragem no médico

Discurso de paraninfo da Faculdade de Medicina da UPF, 2002.

JORGE ALBERTO SAL TON

Este momento, meus afilhados, me faz recordar de sons, sons de instrumento e de vozes. No dia de minha formatura, antes de subir ao palco, havia barulho e alguém experimentava as cordas de um violino, e meus professores homenageados por vezes riam, por vezes conversavam. Lembro de suas vozes e me pergunto: onde estarão aquelas vozes? Muitas já se calaram. Já se calaram em parte. Porque hoje a minha voz será também um pouco aquelas vozes.

Revivo outros sons. Bem mais antigos. Noite de São João. Tempo de fogueiras acesas. Vozes, cantigas e risos. Nossos risos de crianças por vezes são superados pelas gargalhadas de nossos pais. Adormeço. Muito mais adiante acordo. Onde estão todos aqueles adultos que até há pouco cantavam e riam em torno das fogueiras acesas? Estão deitados. Dormindo. Dormindo profundamente. Muitos o sono definitivo, aquele sono sem sonhos. Onde estão os sonhos daqueles alegres pais das fogueiras acesas? Onde?

Os sonhos dos pais estão aqui, aqui no palco, estão esperando a hora de levantar e sair por aí conduzindo a chama da vida em direção a outras ... a muitas outras fogueiras.

Nós, professores e pais, gostaríamos muito de lhes transmitir os melhores conselhos, deixar como legado todas as lições que a vida nos fez aprender. Infelizmente, não sabemos colocá-las em palavras. Nosso espírito deseja passar algo que de tão maior e bom é maior e melhor que nossas frases. Mais que isso, desejamos transmitir algo que é maior e que é melhor do que nós próprios somos.

Vocês, meus afilhados, foram humildes, se interessaram por aprender com os mais velhos. No canto 6 da Eneida, Vergílio nos descreve a coragem de um jovem príncipe que, descobrindo a entrada da morada dos mortos próximo ao Vesúvio, mergulha por ela em busca de auscultar de seu pai, Anquises, mais alguns ensinamentos sobre a vida. Antes do limiar do inferno, passou por um grupo de seres assustadores: os Pesares, as vingativas Ansiedades, as pálidas Enfermidades. A todos observou e seguiu em frente. Estava de olhos abertos para aprender e de ouvidos atilados para escutar seu pai. Mergulhava com coragem nos sofrimentos humanos.

A trajetória do herói, repete-se com os jovens que na faculdade de medicina mergulham no mundo da doença, do sofrimento, da sala de emergência, das CTIs, com coragem, dispostos a aprender com os mais velhos.

Vamos aproveitar a presença de Vergílio: o que o fez genial em sua profissão? O que fez esse birnilenário escritor que nós também podemos fazer? Na Eneida, o jovem príncipe depara-se com um rio negro onde encontra um velho barqueiro, Caronte, às voltas com uma aglomeração de almas penadas, todas querendo um lugar em seu barco. O velho Caronte só aceitava no barco os espíritos daqueles que haviam recebido os devidos ritos fúnebres. Os espíritos dos mortos insepultos não podiam atravessar o rio, vagavam alguns há cem anos pela margem. O jovem príncipe finalmente consegue convencer o barqueiro. É aqui que vamos descobrir o segredo do profissional genial. Vergília descreve a entrada do jovem príncipe no barco, dizendo: acostuada apenas com a carga muito leve dos espíritos, com a carga muito leve dos espíritos incorpóreos, a embarcação de Caronte gemeu sob o peso do herói. Sim, gemeu sob o peso do herói. O detalhe não foi esquecido. Na medicina, meus afiliados, a atenção a um pequeno sinal, a descrição de um sintoma apagado, muitas vezes faz a diferença entre o médico comum e o médico genial.

Meus futuros colegas, ao longo da profissão procurem ser detalhistas, mas também exatos e rápidos.

Exatos no transmitir o que sabem e o que não sabem sobre a forma de aliviar o sofrimento daquele ser humano que os procura.

Rápidos no transmitir o que sabem e o que não sabem. Bem ao contrário daquele conto de Boccaccio em que um homem resolve aliviar os sofrimentos da longa caminhada de uma mulher ... "Senhora, disse ele, poderei por grande parte do longo caminho que teremos de andar, levar-vos a cavalo numa das mais belas histórias deste mundo!" "Nada me seria mais agradável", consente ela. A história era em si belíssima, mas o contador da história ora repetia a mesma palavra, ora voltava atrás, era lento, lento ... Além dos sofrimentos da longa e cansativa caminhada que era a sua vida, a mulher, a paciente, passa agora a suar frio, a sentir um desfalecimento, e, percebendo que o médico, a cavalo numa das mais belas histórias do mundo, a história da ciência médica, história que iria aliviar sua vida, havia entrado num

atolador sem saída, disse: "Doutor, vosso cavalo é um tanto duro de trote, pelo que vos peço me deixai a pé".

Rapidez dentro da técnica. Rapidez em acordo com a máxima latina: festina lente. Ou seja: apressa-te, lentamente.

Meus novos colegas, nunca esqueçam que cada pessoa que forem atender é múltipla, é complexa, é várias pessoas numa só. Quem é cada um de nós, senão uma combinação de experiências, de informações, de leituras, de imaginações. Sempre respeitem o jeito de ser, de pensar, de crer, de fantasiar, daqueles que os procuram. Que sua relação com eles jamais destrua suas fantasias.

Há um verso de Dante no purgatório que diz: "Chove dentro da alta fantasia?". Ítalo Calvino, escritor italiano, preparou uma conferência sobre a importância da preservação da alta fantasia do ser humano, a ser lida na Universidade de Harvard, em Boston. Infelizmente, morreu pouco antes de apresentá-la. Sim, escreveu Calvino, a fantasia, o sonho, a imaginação, é um lugar que as vezes recebe chuva. Às vezes, digo agora eu, recebe chuva de pedra e tempestade; às vezes, uma brisa suave e refrescante. Cuidado, que nossa participação na vida dos seres humanos combatidos que nos procuram não seja pedra nem raio, pois quem vê morrer suas altas fantasias vê morrer o desejo de viver.

Colegas, sejam leves!

Ovídio escreve em versos a luta de Perseu contra um monstro marinho. Perseu massacra a golpes de espada o monstro. E agora trata de fazer o que faria qualquer um de nós, após façanha desse porte: vai lavar as mãos. O problema está em onde deixar a cabeça do monstro. Ora, para se dominar monstros é necessário delicadeza de alma. Para que a areia áspera não melindre aquela cabeça de monstro, Perseu faz um travesseiro com folhas e algas, e nele deposita cuidadosamente a cabeça do monstro, de face voltada para baixo, devagar, bem devagar, num gesto de refrescante cortesia.

Na medicina lidamos com monstros, pavorosos monstros que solapam a saúde e levam à sepultura pessoas até então felizes e cheias de ânimo. Nem por isso precisamos perder a leveza.

Mas não esqueçamos: Milan Kundera em *A insustentável leveza do ser* mostra como, na vida, tudo aquilo que escolhemos e apreciamos pela leveza, acaba bem cedo se revelando de um peso insustentável.

Cuidado para que a profissão médica, que principia suave, não se transforme em um peso insustentável. Sempre que pesar a relação com um paciente, mudem o ponto de observação e mudem o foco. Considerem o exame dos problemas do paciente sobre uma outra ótica. Ou, quem sabe, seja a hora de sair. Quem sabe nossa capacidade para ajudar esse paciente se esgotou e, se continuarmos, em vez da buscada leveza, nos transformaremos no próprio peso do viver dessa pessoa. É a medicina no peso do nosso viver.

Cada um de nós tem seu próprio modo especial de ver o mundo, uma leitura própria da vida, nosso referencial. Fazemos assim: vamos incorporando pedaços de vivências de outros, de conselhos, de teorias, e, constantemente, vamos reelaborando a nossa própria teoria, a nossa própria leitura da vida. E isso é bom. E com frequência devemos nos perguntar: com que estou comprometido? Porque no ser humano existe o bem e o mal, o desejo de construir e o de destruir. Podemos

passar por esta vida deixando rastros de sangue e de destruição. A medicina é uma profissão que muito se presta para o bem, mas seus instrumentos podem se prestar à propagação do mal. A questão é se perguntar constantemente: "Que empenho me ajudará a viver vida criativa e reduzirá meu potencial destrutivo?"

Problemas nesta vida virão, uma hora ou outra, seremos atingidos. Então, recordemos Sartre, quando ele diz: "O que importa não é o que fazem (ou o que a vida faz) para a gente, o que importa é o que nós fazemos daquilo que a vida faz para a gente".

Por favor, não concretizem todos os seus desejos. O escritor Stanislaw Lem nos conta que um psicólogo é enviado à estação orbital que paira acima do planeta Solaris, um planeta todo ele coberto por oceano, para investigar fatos estranhos que lá ocorrem. Todos os que lá foram, voltaram apáticos, enfadados, desanimados. O psicólogo, em Solaris, deseja voltar à Terra e, de imediato, vê-se frente à casa de seu pai. Lembra da esposa morta e ela aparece a sua frente. Todos os desejos, até aqueles dos quais não tinha plena consciência, em Solaris, são automaticamente realizados. Solaris é o paraíso. Não, Solaris é o inferno. É a apatia, o enfado, o desânimo, a morte.

Que bom que na medicina nossos desejos nunca estarão de todo realizados! Que bom que, a cada semana, vocês perceberão que mais e mais coisas existem para aprender e melhorar nossa qualidade de trabalho! Que bom que é a eterna busca por atualização! O colega que julgar ter alcançado todas as suas aspirações na área médica, alcançará, de fato, Solaris.

A medicina nos leva ao encontro do sofrimento dos outros. Por vezes, relutamos em ir. Assim como o leigo que reluta em visitar o amigo hospitalizado, buscando se poupar de tristezas. Depois, deixa o quarto do amigo doente se sentindo melhor, se sentido reconfortado, de bem com os mais nobres valores humanos. Conosco, médicos, esses bons sentimentos nos embalam e nos dão força a continuar.

Meus caros afiliados! Encerro trazendo uma mensagem encontrada em Kafka. Em 1916, ele escreve um conto. Chama-se: "O cavaleiro da cuba". Cuba é uma vasilha dentro da qual se colocava o carvão tão necessário para aquecer os invernos de então. Naquele inverno de guerra, havia falta de carvão. Um homem parte com sua cuba, em busca daquela preciosidade que iria aquecer seu lar. No caminho, a vasilha lhe serve de cavalo, e chega até a erguê-lo à altura do primeiro andar das casas. A carvoaria fica num subsolo e o homem da cuba voa alto demais. Tem dificuldades em se fazer compreender pelo carvoeiro, que estaria disposto a atendê-lo, ao passo que a mulher dele, que está no andar superior, se recusa até mesmo a ouvi-lo. O homem suplica que lhe dêem um pouco do carvão mais ordinário, ainda que não possa pagá-lo de imediato. A mulher tira o avental e espanta o intruso, como se estivesse a espantar moscas. O movimento do avental movimenta o ar, e o homem da cuba oscila como se estivesse na crista de uma onda. A cada oscilada ele sobe mais e voa para mais alto e mais longe. Não escuta mais as vozes do carvoeiro e da mulher do carvoeiro. Agora está no silêncio. Leve. E começa a ficar feliz. Voa em ondas além das Montanhas de Gelo, além do frio. Não precisa mais de carvão. Atinge na realidade aquilo que até então só existia na sua alta fantasia.

Meus caros afiliados! Tomara que nós, professores, tenhamos sido em suas vidas como a mulher do carvoeiro foi para o homem da cuba de Kafka. Comemoraremos o feliz nascimento de 50 jovens, inteligentes, capacitados e dedicados médicos, que tiveram a coragem de descer à cratera daquele vulcão imaginado por Vergílio, entrar

na gruta que dá acesso às regiões infernais e observar as pálidas Enfermidades. Com determinação, cruzaram o rio negro, fazendo gemer o barco com o seu peso; deram um abraço na geração que aos poucos deixa a cena histórica; e, agora, experientes e cheios de energia, seguirão adiante, responsáveis pela chama que mantém bem viva a ciência médica.

A partir de agora, vocês, novos médicos, empunharão o avental e produzirão vigorosas ondas no ar e suas vozes; algumas serão as vozes dos professores, vozes ouvidas há pouco, no hall de entrada deste prédio, em meio ao barulho de antes de começar a cerimônia; vozes destes que aqui hoje se despedem e voltam ao silêncio, neste elo dourado que une geração com geração, e perpetua o maravilhoso "continuurn" da vida.

Obrigado.

(Jorge Alberto Salton é médico-psiquiatra e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da revista

Água da Fonte nº 3

Data : 30/04/2006

Título : A metamorfose do cavalo morto

Categoria: Artigos

Descrição: Heróis foram aqueles que, no pós-conflito da Batalha do Pulador, conseguiram lidar com tudo aquilo sem voltar à metralhadora e às degolas.

A metamorfose do cavalo morto

Heróis foram aqueles que, no pós-conflito da Batalha do Pulador, conseguiram lidar com tudo aquilo sem voltar à metralhadora e às degolas.

Jorge Alberto Salton

“Ao ouvir o sinal de carga eu corri para a coxilha e ali vi o espetáculo mais lugubrememente grandioso que só a presença e a vista podem dar idéia.”

Angelo Dourado em Voluntários do Martírio.

As carroças davam saltos e, em cada salto, os gritos dolorosos dos infelizes feridos, amontoados, sem cobertores, sobre tábua dura colorida de vermelho-sangue. Frio intenso cobria os campos de geada. Muita pressa. Recém acabara a maior e a pior batalha da Revolução Federalista. Mais de seis mil homens tentaram, por seis horas, matar uns aos outros. Fora eficiente a estréia da metralhadora na América do Sul.

Viagem triste, nos conta o médico Angelo Dourado. Fuga do horror. Mas o horror nunca fica para trás. Breve parada. O que se vê? Sepultura rasa com vários corpos. Uma mão para fora da terra agarrada à raiz mais próxima.

Enterrado vivo. Outra parada. Para deixar quem geme demais, quem sofre demais com os solavancos. Ninguém quer ficar. Preferem morrer sofrendo nas carroças junto aos companheiros, com os malditos solavancos, a sentir o pânico de serem alcançados vivos pelo inimigo e, pouco a pouco, mutilados até a morte. São muitos os que morrem nas carroças.

Assim segue aquela viagem triste iniciada na tarde do dia 27 de junho de 1894, em seguida ao término da Batalha do Pulador (também chamada de Campo dos Mello e de Passo Fundo).

Mais uma parada. Onde andará Nunes? Angelo Dourado lembra-se do primeiro ferido—mal começara a peleia, nem chegara a amanhecer por inteiro e já lhe trazem Nunes. Uma bala atravessara sua garganta, tirando-lhe o uso da palavra. Aplica, com urgência, um aparelho, e ele ainda volta para comandar por meio de acenos. Nunes... Nunes viaja?

Acampam. O lugar está cheio de esqueletos. O estado do coronel Brasil é desesperador (pneumonia?). Angelo cuida dele antes de deitar à mercê do sereno da noite gelada. Uma pequena cerração. O cansado médico vê numa volta do caminho uma diligência. Mas como podia ser uma diligência? Não, não era uma diligência. Era uma casa. Ou já tinha muito viajado uma viagem alegre na diligência e alcançara a tão desejada casa? Casa era tudo o que podia querer. Observa satisfeito: é uma bela casa, aconchegante casa. Nova, pela cor do telhado.

Desfaz-se a pequena cerração. Não era diligência, não era casa, era um cavalo morto na beira da estrada. Pobre Angelo Dourado e seus companheiros da tragédia do 27 de junho. Metidos naquele emaranhado de morte e insensatez ainda conseguem metamorfosear morte em vida.

A viagem segue... segue por muitos dias, meses... seguiu por mais de cem anos. Gerações sucederam-se. Agora é a nossa vez. Andamos doze quilômetros a partir do centro de Passo Fundo, alcançamos o distrito de Pulador e contemplamos os marcos onde ficaram naquele amanhecer lugubre as tropas inimigas... Inimigas?!

A questão útil é: o que agora devemos/podemos fazer de tudo aquilo? Nada? Recordar para esquecer? Só recordando com sentimento temos chance de esquecer uma tragédia? Isto é pouco? Só sei que qualquer coisa é mais melhor do que transformar destruição em louvação.

Quando me debrucei sobre este tema ao escrever o romance Milan Miragem, passei a perguntar a uns e outros que por aqui vivem: aquela tragédia afetou seu bisavô, avô, mãe...? E você sentiu seus reflexos? Muitos não o sabiam e aqueles que respondiam "sim" falavam sempre em marcas pesadas.

Assim como nós, os personagens de Milan Miragem não lembram aqueles tempos como tempos heróicos. A negação não chegou ao ponto de transformar destruição em louvação. Pudera, não foi tragédia pouca. Passo Fundo, no período da Revolução Federalista, viu sua população ser reduzida de vinte e cinco mil para quinze mil habitantes. Um rebanho de cerca de cento e cinquenta mil cabeças de gado desapareceu.

E não tem medida o quanto desapareceu de bons sentimentos nas famílias que sobraram. Muita dor de perda e muito desejo de vingança. Que fazer de todo aquele ódio, já que se teve de continuar a compartilhar as mesmas ruas, as mesmas praças, os mesmos bancos escolares com os matadores de seus pais, irmãos...?

Heróis foram aqueles que, no pós-conflito da Batalha do Pulador, conseguiram lidar com tudo aquilo sem voltar à metralhadora e às degolas. Sobre estes, modesta e ficcionalmente, trata Milan Miragem.

Antigamente, as revoluções prosperavam, por vezes, das discussões embaladas a álcool nos tradicionais churrascos. Na sociedade complexa de hoje, muitos mediadores foram sendo criados para burilar, desviar e apaziguar o instinto destrutivo que explode nas competições. Há cem anos não havia o futebol.

Mas, cuidado: uma guerra civil é perigo permanente nas sociedades humanas. Nossa história é rica em exemplos a não serem seguidos. A guerra civil de 1884 é apenas um deles. Há muito "cavalo morto... à beira da estrada.

Por outro lado, há um dado positivo: observando o cotidiano do povo que aqui vive, vemos quanto seguimos capazes de metamorfosear o "cavalo morto" de cada dia. Continuamos construindo as necessárias miragens. Somos valentes. Pois só valentes constroem miragens.

("A metamorfose do cavalo morto" foi originalmente publicado no Segundo Caderno de Zero Hora, em 25/06/1994. Jorge Alberto Salton é médico-psiquiatra, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista

Água da Fonte nº 4

Data : 23/02/2019

Título : A ÚNICA PERGUNTA IMPORTANTE

Categoria: Artigos

Descrição: O ziguezaguear do caminhão vencendo curvas com velocidade exagerada me faz temer os precipícios que se apresentam ora à esquerda ora à direita

A ÚNICA PERGUNTA IMPORTANTE

jorge alberto salton

O ziguezaguear do caminhão vencendo curvas com velocidade exagerada me faz temer os precipícios que se apresentam ora à esquerda ora à direita. Bem cedo da manhã meus dois amigos e eu, havíamos conseguido carona num comboio militar argentino. O ziguezague, a velocidade, os precipícios encontram eco na incerteza, na agitação e no medo que habitam o interior daqueles três jovens mochileiros.

O gesto de oferecer-me um quarto de maçã, meu almoço, do motorista militar contrasta com a brutalidade das montanhas que rapidamente se sucedem.

Os militares deixam subir inúmeros outros mochileiros nas carrocerias dos caminhões. Uma lona, apenas, os abriga do intenso frio. Na cabine aquecida sinto-me privilegiado.

As horas se passam em silêncio. Converso comigo mesmo, faço-me perguntas: para aonde vou? O que devo fazer? Sei que estou indo cada vez mais alto na cordilheira andina e pouco a pouco mais próximo da fronteira com o Chile e que devo evitar ao máximo desagradar os militares. Mas não é sobre isto, é sobre minha vida que me pergunto. Preocupo-me com o equilíbrio daquele caminhão a beirar precipícios com o motor acelerado. Mas preocupo-me mais ainda com o equilíbrio de minha própria vida.

O comboio diminui bruscamente a velocidade, o que me faz parar de filosofar. Estaciona o máximo à direita que permite a estreiteza daquela rodovia de chão batido desprovida de acostamento.

Fim de tarde. Num vale não muito longe vejo o que parece ser um pequeno povoado. O mesmo militar que gentilmente ofertara o quarto de maçã sugere que eu não vá adiante. Não há abrigo no povoado. Aponta-me uma cabana de esqui no sopé de uma montanha, pouco visível de onde estamos.

Confabulo em voz baixa com o Delfino e o Zanetti. Agradecemos o argentino e afastamo-nos sem se fazer notar pelos demais mochileiros. A chuva, apesar de gélida, é leve. Antes mesmo de alcançarmos a cabana abandonada a neve começa a cair.

Um de nós, eu, vestido com os casacos dos três, vai ao povoado em busca de comida. Experimenta o heroísmo juvenil de quem caminha sobre muita neve a três mil metros de altura onde nunca estive, com recursos mínimos: tênis, jeans e casacos de nylon.

O povoado resume-se a um quartel de fronteira e umas poucas casas. No que me parece ser a guarita estão apinhados os mochileiros, enregelado de frio.

No interior do quartel me colocam junto a uma enorme lareira na qual, revezadamente, são aquecidos os mochileiros um a um e mandados de volta a guarita. Nisto um ciclista vestindo calção e camiseta é trazido junto com sua bicicleta, suas mãos estão grudadas no guidom.

Afastam-me do fogo e colocam-no no meu lugar. Ao reavivá-lo comentam tratar-se de um grande ciclista argentino pego por nevada fora de hora. O admirado esportista, ladrão daquele lugarzinho caloroso e da piedade dos militares, faz com que eu seja levado à guarita.

Os mochileiros hablan num castelhano difícil, muito rápido e entrecortado por gargalhadas. Acostumo o ouvido e consigo compreender que Tolstoi está sendo citado: "A única pergunta importante para nós: o que devemos fazer e como devemos viver?" A resposta gira em torno de Confúcio e do confucionismo.

A pergunta de Tolstoi parece-me pertinente a quem está a viajar sem rumo nem cuidado. Estranho é buscar a resposta em alguém tão distante na geografia e no tempo.

Caminho pela neve com dificuldade procurando lembrar o que já lera sobre Confúcio. Após ter muita dificuldade em localizá-la, entro na cabana com alguns pães queimados. Meus colegas haviam transformado uma escada em fogo. Improvisamos nosso leito junto à lareira. Frio nas costas durante toda a noite. Confúcio não me sai da cabeça. O sair de casa, o viajar por lugares íngremes e silenciosos estimula o filósofo que todos temos dentro de nós. Majestosas montanhas de neve nos obrigam a refletir sobre a condição humana. Como viver bem levando em conta nossa condição?

Pela manhã cheiro a fumaça. Abro a porta da cabana de esqui, inspiro ar puro, gelado. Tudo branco. As luzes do povoado estão acesas. Há luz na guarita?

Passado algum tempo, voltei a meu país e a minha rotina. Isto na maneira de dizer, porque meus pensamentos continuaram a andar por aí, não mais de carona em comboio militar e nem sempre em viagens de carro, ônibus, trem, navio e avião. Mas muitas, muitas vezes na carona de um escritor, levado por um daqueles que possuem o hábito de filosofar.

Data : 03/07/2019

Título : FUTEBOL, O TRUQUE

Categoria: Artigos

Desde adolescente ando às voltas com a literatura. Escrevi e publiquei contos e crônicas, anotei vários esboços para o romance que um dia iria colocar no papel. Por uma razão ou outra, tal dia nunca amanhecia. Finalmente, sento-me para escrever para valer e tenho uma grande surpresa: nenhuma daquelas inúmeras ideias, rascunhadas ao longo de tantos anos, atraem o meu interesse. E a história que jamais pensara escrever se impõe e me envolve por completo.

A história que vejo brotar é a de um técnico de futebol. Arthur Jorge retorna, após muitos anos de exílio voluntário, a sua cidade natal, contratado que fora para salvar o time prestes a cair de divisão. É segunda-feira, o jogo decisivo se fará no domingo. De imediato, recebe uma carta anônima com a gravura do quadro O triunfo da morte de Pieter Brueghel, sobre a qual se lê a ameaça: “Breve te farei um destes, seu borra-bosta”. A história segue com um tom de suspense, o personagem principal vive sob a sensação constante de ameaça.

O triunfo da morte havia me chamado a atenção por ocasião de visita ao Museu do Prado, tanto é que acabei adquirindo o seu slide. Por que o incluí em Só valentes constroem miragens, meu primeiro romance? Aos poucos, fui percebendo que, por trás da história sobre futebol, havia outra história.

Inseri Arthur Jorge em dois mundos. O mundo de meu pai, Wolmar Salton, do futebol do interior, e o de Armando Annes, meu avô materno, mundo da Revolução Federalista, do quadro do Museu do Prado.

Dialogando com pessoas antigas e lendo anotações históricas, fui descobrindo que esses dois mundos pertenciam a quase todos que moraram por aqui e se constituíam faces de uma mesma moeda. Sim, na minha cidade uma revolução se seguiu e se desfez com o futebol.

Explico melhor.

A história contemporânea de Passo Fundo principiou há pouco mais de cem anos com uma tragédia. Para nós, a Revolução Federalista foi uma guerra civil sem precedentes. Por que eclodiu no sul do Brasil essa tragédia devastadora entre os anos de 1893 e 1895? Não existem explicações suficientemente esclarecedoras.

Os federalistas, liderados por Gaspar Silveira Martins e pelo guerreiro uruguaio Gomercindo Saraiva iniciaram a marcha, da fronteira do Brasil com o Uruguai, e alcançaram a fronteira do estado do Paraná com o estado de São Paulo. Segundo alguns historiadores, se não lhes houvessem faltado cavalos teriam ultrapassado São Paulo e tomado no Rio de Janeiro o poder central.

Foram combatidos pelos republicanos, legalistas, que estavam no poder no Rio Grande, liderados por Júlio de Castilhos e por Pinheiro Machado.

Os republicanos, chamados de “picapaus” ou “chimangos”, usavam amarrado ao pescoço lenço verde ou branco. O lenço dos “federalistas”, “maragatos”, era vermelho.

As tropas de Gomercindo Saraiva cruzaram duas vezes por Passo Fundo. Na primeira, quando subiam em direção ao centro do país, as famílias dos políticos republicanos correram a se esconder no mato. Na segunda, quando Gomercindo retornava ao Rio Grande, os republicanos, mais organizados e aparelhados,

inclusive com metralhadoras, esperaram-no para o confronto decisivo. A principal batalha desta guerra civil operou-se aqui.

Certo dia, tendo em mãos o livro *Voluntários do martírio*, de Ângelo Dourado, médico que acompanhou durante todo o tempo as tropas de Gomercindo Saraiva, refleti frente aos marcos daquela batalha. Apenas doze quilômetros separam o centro de Passo Fundo do distrito de Pulador, local onde se operou a matança. Mais de três mil homens de cada lado.

A guerra é abominável, mas, uma guerra civil consegue ser pior que o abominável. Leio: “Ao ouvir o sinal de carga eu corri para a coxilha e ali vi o espetáculo mais lugubrememente grandioso que só a presença e a vista podem dar ideia”. (...) “Alguns feridos fizeram-me voltar a meu posto, entre eles, Nunes com uma bala que atravessou-lhe a garganta perdendo o uso da palavra. Apliquei-lhe com urgência um aparelho e ele ainda voltou para comandar por meio de acenos”.

Frente aos marcos da batalha, com *Voluntários do martírio* nas mãos, volto minha imaginação para o momento imediatamente posterior àquela matança. Interesse-me pelo depois. O que fazer? Ir embora às pressas deduzo.

Posso supor que as carroças davam saltos e, em cada salto, os gritos dolorosos dos infelizes feridos, amontoados, sem cobertores, sobre a tábua dura colorida de vermelho-sangue. Frio intenso cobria os campos de geadas. Muita pressa. Por seis horas, seis mil homens tentaram matar uns aos outros. Só aqui, no campo onde estou com o livro entre as mãos, mil foram mortos. Fora eficiente a estreia da metralhadora na América do Sul.

Após a matança, os sobreviventes iniciam viagem triste, fuga do horror. Mas o horror nunca fica para trás. Folheio o livro: “Não tendo carretas para conduzir tantos feridos, mandavam matar os que estavam em pior estado para aliviar a marcha”.

Breve parada. O que se vê? Sepultura rasa com vários corpos. Uma mão agarrada à raiz mais próxima. Enterrado vivo.

Outra parada. Para deixar quem geme demais, quem sofre demais. Ninguém quer ficar. Prefere morrer sofrendo nas carroças, mas, junto aos companheiros, com os malditos solavancos, a sentir o pânico de serem alcançados vivos pelo inimigo e, pouco a pouco, mutilados até a morte.

Assim segue aquela viagem triste iniciada na tarde do dia 27 de junho de 1894.

Acampam. O estado do coronel Brasil é desesperador. Ângelo cuida dele antes de deitar ao sereno da noite fria. Uma pequena cerração. O cansado médico vê, numa volta do caminho, uma diligência. Diligência?! Não há diligências nesta região. Não, não é uma diligência. Uma casa? Já tinha viajado na diligência e alcançara a tão desejada casa? Casa é o que mais quer na noite gelada, invadida por gemidos e por lamentos inúteis. Desfaz-se a pequena cerração. Não há diligência, não há casa, há um cavalo morto na beira da estrada. Pobre Ângelo que, metido naquele emaranhado de morte e insensatez, ainda consegue metamorfosear morte em vida, na metamorfose do cavalo morto.

A viagem segue. Escreve o avô do escritor Autran Dourado: “Ontem foram degolados vinte e tantos que se achavam em uma casa descansando (...) Furaram-lhe os olhos e deixaram que ele caminhasse só por muito tempo, dando gargalhadas por verem-no cair. Afinal, degolaram-no!...” Sim, como sempre acontece, as atrocidades são

cometidas por ambos os lados. A viagem segue... Segue por muitos dias... Meses... Anos.

02

Quando me debrucei sobre este tema, ao escrever o romance *Só valentes constroem miragens*, passei a perguntar a uns e outros que por aqui vivem: aquela tragédia afetou o seu bisavô, avô, mãe...? Como foi que eles lidaram com o pós-guerra civil?

Passo Fundo, no período da Revolução Federalista, viu sua população ser reduzida de vinte e cinco mil para quinze mil habitantes. Um rebanho de cento e cinquenta mil cabeças de gado desapareceu. E não há medida do quanto desapareceram os bons sentimentos nas famílias que sobraram. Muita dor pelas perdas e muito desejo de vingança. Que fazer com todo aquele ódio, já que se tiveram de continuar a compartilhar as mesmas ruas, as mesmas praças, os bancos escolares com os matadores de pais, de irmãos...?

Gervásio Annes e Prestes Guimarães, líderes maiores, os adversários maiores, estão enterrados no mesmo cemitério da Vera Cruz, a dez passos um do outro.

Heróis foram aqueles que, mal ou bem, no pós-conflito, conseguiram lidar com tudo aquilo sem voltar à metralhadora e às degolas. Que truques criaram para lidar, ousada e inteligentemente, com aquela situação difícilíssima? Descobri alguns daqueles truques ao recordar a convivência com meu avô e com meu pai.

Meu avô, Armando Annes, era o filho mais velho do Coronel Gervásio Annes, o principal líder republicano da nossa região. Viveu a Revolução nos primeiros anos de sua adolescência. Seu pai fora ferido em batalha quando ele tinha treze anos. No pós-guerra civil não seria ele um dos alvos preferidos da vingança? Haveria algo melhor do que matar o “guri do Gervásio”, como o chamavam?

Sei, hoje, que sua biografia ficou marcada por aqueles acontecimentos. Gervásio Annes, por prudência, enviou o seu filho mais velho a São Leopoldo, para estudar. Mais adiante, ainda bem jovem, Armando Annes monta, com outro sócio, uma casa de comércio em Porto Alegre, na rua Uruguai. Depois, embarca em um navio e vai residir na França, na Paris do início do século. Ou seja, quanto mais longe de Passo Fundo... Mais longe da “morte anunciada”. No navio viajam familiares de Santos Dumont, a travessia do Atlântico leva tempo suficiente para se estabelecerem amizades. Em Paris, meu avô convive e acompanha muitos dos feitos de Santos Dumont.

Gosta muito de lá e se sente morador de Paris. Retorna a Porto Alegre com a intenção de desfazer a sociedade na casa de comércio da rua Uruguai, arrumar suas finanças e se estabelecer para sempre na Europa.

Todavia, começa a I Guerra Mundial. Acompanhando o seu desenrolar, vai se envolvendo com os negócios. Teve empresas até em Buenos Aires e, inclusive, uma casa bancária. Com o falecimento do Coronel Gervásio, seu retorno à Europa se torna ainda mais difícil. São muitas coisas a resolver, negócios, família etc. Vai ficando, fica mais um pouco, acaba virando prefeito de Passo Fundo por três vezes, figura marcante na comunidade.

Automóvel, calçamento, aeroporto, enfim, todas as novidades da época foram trazidas por ele. Muitas, nem sei se foram realmente por ele. Porém, criou essa imagem. Seu pai havia construído a primeira usina elétrica do município. Ele, quando

assume a prefeitura pela primeira vez, retira os lampiões dos postes de iluminação pública e os substitui por lâmpadas elétricas.

Com muito tato, gostava de fazer observações bem-humoradas sobre as pessoas, que agradava até as escolhidas como alvo. Como era agnóstico, sofria, na política, o combate da Igreja Católica. Quando um padre o atacava no sermão de domingo, na segunda ia visitá-lo. Ele sugeria outra versão para o ataque, em versão bem-humorada. Contava alguma história engraçada sobre determinado bispo. Exercitava o prazer de desmascarar as pessoas de forma bem humorada, não agressiva. Segundo ele, todos temos um lado safado.

Havia toda uma mística em torno dele. Afinal, vivera na Paris do início do século, acompanhara Santos Dumont, falava francês, acumulara muita leitura, a Igreja não o conseguia derrotar, dizia tudo o que pensava...Mas, esse meu avô, que falava de tudo, absolutamente nada comentava sobre determinado assunto.

Passei a infância e parte da adolescência visitando-o diariamente. Pela manhã, das dez às onze horas. À tarde, na hora do chá, às quinze e trinta. Não comparecia pela manhã somente quando frequentava o colégio. Então, eu o ouvia falar de tudo. Mas, de um assunto ele nunca falou: a Revolução Federalista. Só uma vez disse, de passagem, que vira um homem ser degolado.

Convivi com ele quando havia decidido se aposentar: construía uma área envidraçada na frente da sua casa e lá recebia as pessoas, somente com hora marcada. Eram muitas as que iam até ele perguntar alguma coisa.

Com coragem para falar de tudo, meu avô não falava uma frase sobre a Revolução Federalista. Aliás, no processo de escrever meu primeiro romance, de conversar com os mais antigos, de ler textos que os antepassados deixaram escritos, constatei o quão pouco se faz referência à Revolução Federalista. Nas escolas, sequer era citada aos alunos. Conclusão, a primeira parte do truque: não vamos falar nesse assunto!

Mas, como segurar aqueles duros sentimentos acumulados? Uma hora ou outra haveria uma explosão desenfreada, uma nova catástrofe? Era necessária uma válvula de escape. Era necessário encenar tudo aquilo... Refazer ludicamente... Elaborar... Ruminar... Digerir...

03

Nas primeiras décadas do século vinte, em inúmeras cidades do Brasil foram fundados clubes de futebol. Em Passo Fundo não foi diferente. Porém, se observarmos bem, aqui houve algo peculiar.

Em 1918, foi fundado o S. C. Gaúcho, curiosamente com a cor verde, ou seja, a cor dos republicanos, dos castilhistas. Pouco tempo depois, em 1922, surgiu o 14 de Julho, com a cor vermelha dos federalistas, dos maragatos. A segunda parte do truque! Não se fala em maragatos nem em chimangos; fala-se em gaúchos e quatorzianos.

Conheci de perto esse truque. Cresci acompanhando jogos e treinos do Gaúcho, levado por meu pai, o patrono do clube. Uma curiosidade: Luis Felipe Scolari, técnico do penta, quando criança, era torcedor do Gaúcho. Morava, inclusive, próximo ao estádio.

Um time do interior é em tudo diferente dos grandes clubes das capitais. Reúne em seu estádio um pequeno grupo de homens aflitos. A cada campeonato o clube pode ser eliminado da competição, baixar de divisão, o que significa sua quase extinção. Jamais imaginam ganhar qualquer título, não guarda a alegria de se sentir campeão, o maior, o melhor. Apenas, o alívio de escapar do fim.

Acontecia de tudo no vestiário do Gaúcho: a vida que eu não via na família e na escola estava lá, a vida real estava lá. Até hoje gosto das farmácias, daquele cheiro de remédio. Gosto porque no vestiário do Gaúcho havia esse cheiro no ar. Num dado momento aparecia o enfermeiro Napoleão e aplicava uma injeção endovenosa em cada um dos atletas. Houve ocasião em que, devido a súbita piora do tempo, o jogo era cancelado. O que fazer com os jogadores? Liberá-los daquele jeito pela cidade? Mantê-los presos no vestiário, com a energia das ampolas do seu Napoleão?

Nosso centroavante, exímio chutador, não tinha mais forças para chegar na bola antes dos zagueiros. Solução: enfiar dinheiro em suas meias. Durante o jogo, ele mostrava para o zagueiro: “Chega um pouquinho atrasado e é teu”. Dinheirinho à vista, pago na hora.

Certa vez ouvi determinado árbitro dizer: “Assim não adianta vocês me comprarem, eles (o time adversário) compraram o goleiro de vocês”.

Os jogos passavam em clima de agonia. O médico, a quem minha mãe acabara de me levar a consultar, estava lá a gritar palavras espetaculares. Havia o sujeito que repetia, em cada jogo, o ritual de passar com a bandeira do clube correndo em frente à torcida do 14 de Julho. Voltava sujo de laranja, camisa rasgada, mas, aplaudido como herói. Outro exercia a função, por ele mesmo determinada, de acompanhar por fora do alambrado um dos bandeirinhas orientando-o sobre como proceder em cada lance. Ameaçava, xingava, elogiava, agradecia, desaforava ininterruptamente durante todo o jogo.

Um grupo permanecia na copa do clube, bebendo e ouvindo o jogo pelo rádio. Vibrava fanaticamente com o gol do time, correndo até o alambrado. Ato contínuo: retornava às pressas para a copa.

Mas, acima de tudo, me impressionava a sinceridade daquelas pessoas. O sofrimento daquelas pessoas. A vida estava ali. Um homem ganhou o carro sorteado pelo clube, deixou-o como doação e continuou sem condução.

A cidade seguia dividida. Metade era federalista, maragato, liderada por Prestes Guimarães? A outra metade, republicana, liderada por Gervásio Annes? Não, nada disso. A metade com as cores verde e branca dos republicanos? A outra metade com as cores vermelhas dos federalistas, como o famoso lenço vermelho? Não, nada disso. A metade estava com a cor vermelha do 14 de Julho e a outra metade com as cores verde e branca do Gaúcho. Os estádios lotavam. As disputas eram acirradíssimas. Durante cem anos não se falou na guerra civil que aqui houve. Os homens da revolução saíram de cena e deram lugar aos homens do futebol.

Em Só valentes constróem miragens, a certa altura promovo o encontro entre Pedro Nassar, coureiro, homem de várias mortes, que carrega consigo a faca que seu avô usou nas degolas da guerra civil, com Artur Jorge, o técnico. O encontro do homem da revolução com o homem do futebol.

Lutam. Pedro Nassar tem o técnico sob o seu domínio. Resolve fazer o que sabe, degolá-lo. Manda-o tirar a roupa, como faziam antigamente, para que ela não se

sujasse de sangue já que passaria a ser sua propriedade. Degola é boa de sangue quente. Uma troteada. Artur Jorge, pelado e de sapato, corre ao lado de Pedro Nassar, vestido, com revólver no coldre e a famosa faca na cintura, nas costas.

A certa altura, de forma inesperada, Pedro Nassar inicia sua queda para frente. O técnico, ex-jogador de futebol, batera com o pé esquerdo no pé direito do coureador, bem no momento em que este, levantado, iria cruzar pelo pé de apoio. Tranco sutil e eficiente de zagueiro curtido no futebol do interior. Artur Jorge, esticando rapidamente o braço, consegue alcançar o cabo prateado. Bem... A lâmina penetra por entre as costelas. O homem da revolução sai da cena histórica, eliminado pela chegada do homem do futebol.

Artur Jorge, antes de ir embora, reúne folhas e grama e faz o travesseiro no qual deposita, com cuidado, a cabeça morta de Pedro Nassar.

Um gesto... Reconhecimento de que Pedro Nassar era também o seu passado. O homem do futebol é a continuação atenuada do homem da revolução das degolas. É inegável a similitude: no futebol também existe o "capitão", o "artilheiro". Nosso principal atacante, Bebeto, era chamado de "canhão" da Serra.

Sartre dizia: "os demônios são os outros". Para a metade de nós, passo-fundenses, os demônios eram os vermelhos. Para a outra metade, eram os verdes. E, felizmente, não estávamos a nos referir aos maragatos e aos chimangos.

As sequelas daquela bárbara guerra civil foram pouco a pouco desaparecendo. Já não havia a necessidade de nossos clubes. Quando o 14 terminou, a disputa terminou; o futebol de Passo Fundo se esvaziou, numa prova de que a sua pujança e a sua força não eram devidas ao espetáculo. Havia outra função mais profunda.

Domingo após domingo vivi aquilo tudo, sem ter consciência, como todos, de que estávamos não só a apreciar um esporte. Estávamos coletivamente digerindo as sequelas de uma abominável guerra civil.

04

Ao mudar de cidade, para ingressar na faculdade de medicina, cheguei a pensar haver esquecido, ter deixado para trás aquele mundo. Fiquei dez anos afastado. Aos poucos, fui me desligando do futebol. O futebol não passava de um circo alienante para distrair o povo.

Morava há vários anos em Porto Alegre. Na ocasião, fazia curso de mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, quando soube pelos jornais que o S. C. Gaúcho faria um jogo de desesperados no estádio do Cruzeiro. O último jogo do campeonato. Os dois precisavam da vitória. Com o empate os dois cairiam da divisão principal, aquele tão temido fim que sofri domingo após domingo durante tantos anos. Mesmo desinteressado, como andava pelo futebol, algo me fez ir ao estádio. O tempo estava para chuva e muito frio.

Meu pai, com doença grave, há muito não acompanhava o clube. Aquele senhor que orientava o bandeirinha me pareceu cansado, mas, estava lá, pronto para exercer a sua função.

O jogo principia e observo ao meu lado, no alambrado, um professor do curso de mestrado. Não me reconhece, professor daquelas disciplinas comuns a todos os mestrados da UFRGS; aulas magistrais, com mais de uma centena de alunos.

Resolvo me apresentar. Ouço dele o quanto estava afastado do futebol, mas, nessa hora tão decisiva para o Cruzeiro...

Assistimos o primeiro tempo em silêncio, como dois intelectuais a observar aquele fenômeno da cultura popular brasileira. No segundo tempo, meu guarda-chuva passa a servir de abrigo para ambos. O jogo segue horrível, nem um chute a gol e o empate é o fim. Nossa cordialidade sob o guarda-chuva acaba aí pelos trinta e cinco minutos. O professor tem a infelicidade de dizer que o zagueiro-central de meu time não é gente, é um cavalo vestido com calções e meias. Respondo que meu zagueiro não está habituado a jogar contra “moças”. O professor passa a gritar para o Cruzeiro chutar em gol. Eu grito para meu time chutar em gol pelo menos uma vez. O professor, acostumado com as aulas magistrais do mestrado, consegue gritar mais alto. Lá pelos quarenta minutos eu, num movimento brusco, retiro o guarda-chuva dele. O infeliz fica a se molhar na chuva fria de inverno.

O pior acontece: zero a zero. Cruzeiro e Gaúcho rebaixados de divisão.

Volto a oferecer o guarda-chuva ao professor, que, creio, aceita porque não esboça qualquer reação. Principia a escurecer e o frio se torna insuportável. Levo-o até o seu carro. Nós nem nos despedimos. O futebol, nas sofridas derrotas, obriga-nos a aprender a tolerar frustrações. Entro no meu carro ciente de que não esqueci, nem deixei para trás aquele mundo.

Conservo o sentimento de gratidão àqueles que, inteligentemente, souberam trocar o campo da batalha pelo campo do esporte, onde a consequência negativa não é a morte irreparável e, sim, apenas grosserias com ou sem guarda-chuvas e frustrações doídas. É verdade que há vezes em que dói demais.

Falando em futebol, como brasileiro, na maioria das vezes, não posso me queixar: a felicidade existe, sim! E, com ela, a alegria como deve ser vivida, com urras e foguetórios. Que truque!!

Data : 31/12/2008

Título : Notas sobre a leveza, a paixão e a reparação

Categoria: Artigos

Descrição: Poucas coisas fazem tão bem ao espírito como a leveza.

Notas sobre a leveza, a paixão e a reparação

Sobre a leveza

Poucas coisas fazem tão bem ao espírito como a leveza. O contato com o leve promove descanso, bem-estar, paz. O leve está em toda parte, há que descobri-lo.

O grande escritor italiano, Ítalo Calvino, insistia: “A função das artes em geral e da literatura em especial é a busca da leveza em reação ao peso, do viver”. É aliviar a linguagem de todo seu peso até fazê-la semelhante à luz da lua.

“...grãos de poeira num raio de sol, na penumbra do quarto.” (Lucrecio)

“...alva neve que baixa sem ter vento”. (Cavalcanti)

Em 1917, KAFKA escreve uma história curta: “O Cavaleiro da Cuba”, da vasilha de armazenar carvão no inverno. Em plena Primeira Guerra, época de miséria, um homem parte com sua vasilha vazia em busca de uma porção qualquer de carvão. A cuba lhe serve de cavalo e chega a erguê-lo até a altura do primeiro andar das casas. A carvoaria fica num subsolo e o cavaleiro da cuba voa alto demais. O carvoeiro, lá embaixo, parece disposto a atendê-lo, mas não o ouve direito. Já a mulher do carvoeiro, que está no andar superior, o ouve bem. Mas faz de conta que não. O homem grita, implorando. A mulher do carvoeiro tira o avental e espanta o intruso, como se estivesse a enxotar uma mosca. A cuba é tão leve que se vai, flutuando, levada pelo vento do avental, com seu cavaleiro além das montanhas de gelo.

A leveza nos eleva acima do egoísmo, acima das relações humanas frias, indiferentes, geladas. A literatura universal é rica em figuras suspensas no ar: cavalos voadores, tapetes voadores, gênios que saem de garrafas...

Milan Kundera, em seu romance *A Insustentável Leveza do Ser*, nos mostra que muito daquilo que escolhemos e apreciamos pela leveza, acaba se transformando num peso insustentável. Pode acontecer com nosso casamento, com nossa atividade profissional, com tudo.

Mas, lendo O vídeo, aprendemos uma lição. Perseu massacra a golpes de espada um monstro marinho. E agora, trata de fazer o que faria qualquer um de nós, após tamanha façanha: vai lavar as mãos. Mas, antes disto, o que fazer com a cabeça do monstro segura pelos cabelos por sua mão direita? Para que a areia áspera não esfole aquela cabeça degolada, Perseu primeiro, junta folhas, algas, ameniza a dureza do solo e só então deposita com cuidado aquela cabeça com a face voltada para baixo. Ou seja, há leveza em Perseu, não importa se seu trabalho seja degolar monstros.

Há leveza em você? Há leveza em seu companheiro? Observe com atenção. Pois, mesmo quando o pássaro caminha, percebe-se que ele tem asas.

Sobre a paixão

Nada, nada como uma paixão.

Será mesmo?

Vejamos a paixão de Charles...

Robert Akeret, escritor norte-americano, descreve Charles como um homem adulto e jovem, alto e forte, cabelos longos, artista de circo, que procura um terapeuta alegando viver situação perigosa.

Domador de leão? Equilibrista? Pensa o terapeuta.

- Vivo uma paixão perigosa – informa Charles.

Trata-se então de outro perigo, perigo do coração.

- Mas ela é maravilhosa, belíssima – diz, alcançando uma foto ao terapeuta.

- Uma urso?!

Sim, é a foto de uma enorme urso polar que se chama Zero. - É provocativa, sedutora.

Desejo-a desesperadamente - explica Charles, - Amor à primeira vista.

- E ela?

- Bem, tenho de conquistá-la.

Noutro dia, Charles vai à terapia com o ombro enfaixado. Entrara na jaula de Zero e não fora bem recebido.

- Que esperava que ocorresse entre vocês dois? - pergunta o terapeuta.

- Bem, eu estava excitado sexualmente.

Mas me precipitei, ela não estava suficientemente preparada. Os riscos do amor, doutor.

Nada, nenhum argumento afasta Charles de Zero. Até que o terapeuta descobre a lei do circo: todo animal que mata alguém, é morto.

Zero matará Charles, Zero será morta.

A contragosto, Charles concorda. Resignado, afasta-se de sua paixão. Sacrifica-se para que Zero viva o máximo possível. E para que ele, mesmo à distância, possa sonhar cenas de sexo e amor.

Imaginação ou realidade? Não sei se Zero realmente existiu.

Sei que nem sempre nos apaixonamos por quem nossa mãe, nosso pai... nossos avós... com toda sua sabedoria, escolhem para nós.

Um psicólogo indiano, certa vez, me disse:

- Na Índia, os pais continuam a escolher os pares dos filhos. Paixão é sempre negativa, deve ser combatida pela raiz. Conheci minha mulher um dia antes do casamento. Um boa escolha. Quer saber o que é diferença cultural? É eu achar

correto que meus pais escolham, e você achar correto essa escolha feita pela paixão, essa escolha inconsciente, maluca, de vocês cidentais.

Tenho vontade de dizer ao indiano:

Não se preocupe, poucos de nós trabalhamos em circo e... nossos circos... não costumam carregar ursos polares tão bonitas quanto a Zero.

Sobre a reparação

Nada é melhor do que a possibilidade de reparar algum mal que tenhamos feito.

Nada é pior do que a impossibilidade de reparação.

“Um som de trovão”, conto do escritor norte-americano Ray Douglas Bradbury, nos faz refletir.

Eckels, o personagem principal, vive no ano 2055. Com o avanço da técnica, já foi possível construir uma Máquina do Tempo que permite aos habitantes da Terra organizarem sofisticados safáris ao passado. No cartaz de propaganda se lê:

Cia. Safári do Tempo

Safáris em qualquer ano do passado

Você escolhe o animal

Nós o levamos até ele

Você o mata

Eckels resolve matar um Tyrannosaurus rex. Volta no tempo levado pelo guia Travis, que o adverte:

- Não queremos alterar o futuro, muito cuidado.

O animal escolhido era caçado segundos antes da hora em que iria naturalmente morrer. E havia que se ter extremo cuidado para não matar mais nada. Nem um rato. Porque, matando um rato, todas as demais famílias oriundas desse rato não existiriam. Por falta de dez ratos, uma raposa morre. Por falta de dez raposas um tigre morre de fome. Dali a milhões de anos, um homem das cavernas sai à caça e não encontra o tigre que iria encontrar e naturalmente comer. Esse homem morre antes de reproduzir. Significa que milhares de homens não mais nascerão. Um povo todo não existirá.

Eckels não pode pisar fora de uma plataforma suspensa. Ocorre que ele, por desatenção, se desequilibra e pisa com a bota direita na relva.

De volta ao ano 2055, Eckels observa que a sala de onde haviam partido estava lá, mas não era exatamente a mesma. O mesmo homem estava sentado atrás do mesmo balcão, mas o mesmo homem não estava sentado exatamente atrás do mesmo balcão. Havia algo diferente no aroma do ar. As mesmas ruas estavam lá, mas não eram exatamente as mesmas.

O cartaz de propaganda do Safári estava lá, mas algumas letras eram estranhas.

Eckels imagina o pior. Examina seu calçado. Vê barro embaixo de sua bota. Retira-o e verifica que, misturado com ele, há uma borboleta morta. Que horror, matara uma borboleta. Matar uma borboleta não podia ser tão importante assim! Podia! O planeta não era mais exatamente o mesmo.

- Será que não podemos fazer a borboleta viver de novo? Não podemos começar tudo de novo? - geme Eckels.

Não, não havia reparação possível. A Terra era outra, para sempre.

Conclusão: Eckels ajoelha-se e espera por Travis, que agarra o rifle, faz pontaria e puxa o gatilho. O som que se ouve também está diferente. Não é o som que Eckels conhece ser o de um tiro. O último som que Eckels ouve antes de morrer é um som de trovão!

A borboleta se foi e com ela muita coisa mais. Mas, reparar não significa necessariamente dirigir uma boa ação exatamente para a borboleta. Se Eckels usasse de criatividade, não ouviria o som de trovão?

da revista Água da Fonte n° 06

Data : 30/04/2006

Título : O futebol e a pacificação de Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: O que fez Passo Fundo depois de ser dividida ao meio pela maior guerra civil do Brasil?

O futebol e a pacificação de Passo Fundo

JORGE ALBERTO SALTON

O que fez Passo Fundo depois de ser dividida ao meio pela maior guerra civil do Brasil? A metade era Federalista, os maragatos, liderados por Prestes Guimarães. A outra metade, Republicana, os chimangos, liderados por Gervásio Annes. A metade com as cores verde e branca dos republicanos, a outra metade com as cores vermelhas dos federalistas, com o famoso lenço vermelho.

O que fazer com o ódio acumulado?

Com o desejo de vingança?]

Do outro lado da rua "eu" via o homem que matou meu sobrinho, meu pai. Na igreja, eu percebia a presença dos filhos de alguém que eu feri. A cidade era pequena, pisava-se os mesmos lugares, o mesmo cemitério. Gervásio Annes e Prestes Guimarães estão enterrados a dez passos um do outro, no cemitério da Vera Cruz.

O que fazer com o ódio acumulado?

Quando Tânia Rösing, há alguns bons anos, me convidou para participar da mesa redonda intitulada "Futebol e Literatura", na 7ª Jornada Nacional de Literatura, voltei-me com afinco para a pesquisa que realizava há tempo: o futebol como pacificador.

Conservava material colhido por meu avô, Armando Annes, e por meu pai, Wolmar Saltou. O primeiro, vinculado aos acontecimentos de 93, por ser filho de Gervásio Annes. O segundo, do mundo do futebol, patrono do S. C. Gaúcho. Em relação ao tema, inclusive, já havia publicado o romance Milan Miragem.

Os fatos por mim coletados foram revelando a forma discreta como nossos antepassados lidaram no pós-conflito, e o papel que o futebol desempenhou. Não se falava na revolução de 93. Porém, de forma indireta e sutil, procuravam civilizar as disputas dela herdadas.

Alberto Helena, jornalista (atualmente participa do programa Bem Amigos, de Galvão Bueno, no Sport TV), abordou, na mesa redonda da 7ª Jornada, o futebol como simulação de um campo de batalha de uma guerra. De minha parte, focalizei o futebol em seu papel de pacificador.

Em 1918, um grupo de pessoas funda o S.C. Gaúcho, curiosamente com as cores verde e branca dos republicanos. Em 1922, um grupo de pessoas funda o 14 de Julho, curiosamente com a cor vermelha dos federalistas.

E a cidade passou quase cem anos sem falar na guerra civil. Nossos bisavós, avós e pais não falavam no assunto. Nas escolas não se mencionava os republicanos e federalistas. Mas se falava o tempo todo no Gaúcho e no 14 de Julho.

Durante todo esse tempo em que a cidade não falou no lenço vermelho e no lenço verde e branco, ela falou, falou e falou no Gaúcho e no 14 de Julho. Na bandeira vermelha do 14, na bandeira verde do Gaúcho.

As disputas eram acirradíssimas. A cidade se dividiu entre esses dois clubes. Todos participavam dos intermináveis debates e enchiam os estádios. Os homens da guerra civil saíram de cena e deram lugar aos homens do futebol.

No romance Milan Miragem, a certa altura, eu promovo o encontro de Pedro Nassar, coureiro, homem de várias mortes, que carrega consigo afaça que seu avô usou nas degolas da guerra civil, com Artur Jorge, técnico de futebol. O encontro do homem da revolução com o homem do futebol.

Lutam. Pedro Nassar tem o técnico sob seu domínio. Resolve fazer o que sabe, degolá-lo. Manda-o tirar a roupa, como faziam antigamente, para que ela não se sujasse de sangue, já que passaria a ser sua propriedade.

Degola é boa de sangue quente. Uma troteada. Artur Jorge, pelado e de sapato, corre ao lado de Pedro Nassar, vestido, com revólver no coldre e a famosa faca na cintura, nas costas.

A certa altura, de forma totalmente inesperada, Pedro Nassar inicia queda para frente. O técnico, ex-jogador de futebol, batera com o pé esquerdo no pé direito do coureador, bem no momento em que este, levantado, iria cruzar pelo pé de apoio. Tranco sutil e eficiente de zagueiro curtido no futebol do interior gaúcho. Artur Jorge, esticando rapidamente o braço, conseguira alcançar o cabo prateado. Bem... a lâmina penetra por entre as costelas. O homem da revolução sai da cena histórica, eliminado pela chegada do homem do futebol.

Artur Jorge, antes de ir embora, reúne folhas e gramas e faz um travesseiro sobre o qual deposita, com cuidado, a cabeça morta de Pedro Nassar. Um gesto! O reconhecimento de que Pedro Nassar era também seu passado. O homem do futebol é a continuação atenuada do homem da revolução das degolas.

Gaúcho e 14, verdes e vermelhos, continuaram a ser depositários de nossos demônios. Sartre dizia: "os demônios são os outros". Enquanto existiram as disputas acirradíssimas entre nossos dois clubes, nossa cidade vivia uma rivalidade mais intensa do que a de Grêmio e Inter.

Quando o 14 de Julho terminou, a disputa terminou, o futebol de Passo Fundo esfriou. Prova de que sua pujança e sua força não eram motivadas apenas pelo espetáculo esportivo, havia outra função bem mais profunda.

Sabíamos onde estavam os demônios. Para alguns, os demônios eram verdes e estavam lá no estádio da montanha. Para outros, os demônios eram vermelhos e se alojavam onde hoje é a rodoviária, no Estádio Celso Fiori.

Milan Miragem não deixa de ser um pequeno estudo de caso que revela a função forte do futebol, organizando e civilizando o desejo competitivo dos seres humanos dentro de uma mesma comunidade.

No futebol, ensaiamos a vida, treinamos a vida. Aprendemos a tolerar as frustrações nas sofridas derrotas. Ele conduz nossos bons sonhos adolescentes. E, acima de tudo, ajuda a organizar nossas disputas sociais.

E não esqueçamos que o futebol também nos ensina a viver as alegrias desta vida como devem ser vividas: com urras e foguetórios.

(Jorge Alberto Salton é médico-psiquiatra, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista

Água da Fonte nº 4

Data : 30/11/2004

Título : O medo no médico

Categoria: Artigos

Descrição: Quando vocês deram a seus pais, aqui presentes, a alegria de nascer, caros afilhados, eu já era médico.

O medo no médico

JORGE ALBERTO SALTON

Quando vocês deram a seus pais, aqui presentes, a alegria de nascer, caros afilhados, eu já era médico. E estes longos anos me fizeram ver que, nesta profissão, o que mais fazemos é lidar com o medo. O medo que habita o interior de nossos pacientes e o medo que, às vezes veladamente, às vezes descaradamente, penetra dentro de nós mesmos.

Será este o único tema desta última e singela aula. Primeiro direi que ser médico é sentir medo. Depois falarei sobre como lidar com nosso medo.

Os Irmãos Grimm escreveram sobre o herói que queria aprender a tremer. Ele se expunha a aventuras de arrepiar os cabelos e não conseguia tremer. Numa dessas peripécias, desencantou o castelo de um rei que, agradecido, lhe deu a filha em casamento. No leito conjugai, e não nas perigosas aventuras, ele acabou aprendendo o que tanto desejava. O novo relacionamento se solidificou e ele gritou: "Estou tremendo, finalmente estou tremendo". O herói aprendeu a ter medo, quando passou a gostar de alguém, quando fez um vínculo afetivo.

Estamos agindo como médicos, meus novos colegas e amigos, à medida que estamos criando vínculos com as pessoas que nos procuram. Nós, médicos, aprendemos a tremer à medida que, pelo processo de escutar, de olhar, de perceber emoções, vamos criando um vínculo de tipo gente com gente.

Véspera de Natal. Concluo o trabalho do dia numa enfermaria de psiquiatria para crianças e adolescentes. Espocam foguetes. As festas já principiam. No corredor

que me levará para a saída do hospital e para o Natal, ouço passos. Atrás de mim um paciente, um menino. "Doutor, diga para... para alguém que eu estou aqui". Curvo-me para ouvi-lo melhor e me torno um pouco mais médico. Li, depois, que um colega no Uruguai vivenciara situação semelhante. Platão, há mais de dois mil e quinhentos anos, ensinou: "Tudo está se tornando, nada é". Na nossa profissão é assim mesmo. Estaremos sempre nos tornando. O médico uruguaio e eu, quando escutamos aqueles meninos, nos tornamos mais médicos. Ao escutá-los, aliviámos parcialmente seus temores de solidão. Essa é nossa obrigação, só somos médicos quando fazemos isso. Ao mesmo tempo, as tragédias pessoais daqueles meninos passaram a ser um pouco nossas tragédias também.

Os médicos sempre se dedicaram a olhar, o "olhar clínico". Com todo o desenvolvimento tecnológico, com os modernos instrumentos diagnósticos que tanto facilitam nosso trabalho, estamos perdendo esta habilidade. Samuel Levine, prêmio Nobel, antes de parafenar uma turma de formandos em medicina, visitou o Museu do Louvre e postou-se, com calma e tempo, frente à Mona Lisa. "O médico que observar cuidadosamente a Mona Lisa - disse ele no discurso a seus afilhados - verá que seu fascínio provém de seu hipertireoidismo. As pessoas com alta função tireóidea tem olhos brilhantes e parecem interessantes, pois a personalidade sempre se projeta pelos olhos". Deve ter dito: olhem para seus pacientes como quem olha para um quadro de Leonardo da Vinci. Deve ter se referido a um olhar de admiração.

Vou me voltar agora à capacidade de observar emoções no paciente. Ainda como estudante, eu aguardava o dr. Pedro Martinez, ao lado da cama de uma jovem que chorava e se contorcia de dores. Sua mãe a consolava sem sucesso. Meu professor chegou para a primeira consulta, apertou sua mão e disse: "O pior já passou". "Como passou, se eu estou aqui desesperada de dor?" - reclamou ela aos prantos. "Passou sim"- afirmou ele —. "Até agora você sofria sozinha com sua mãe. Agora você tem também a mim e aos colegas de outras especialidades que, se necessário, vou chamar. Você tem, a partir de agora, muitos ao seu lado que estarão com você enquanto você precisar, você tem agora toda a medicina, com toda sua história e com todos os seus avanços". Ao final da consulta, fechamos a porta do quarto com vagar, para não acordar aquela jovem que dormia a sono solto.

Os anos se passaram. Encontro outro professor, então meu colega, o dr. Prado Veppo, numa palestra. Uma reconhecida conferencista estrangeira nos transmite muitos conhecimentos, em duas horas de brilhante explanação sobre a relação mãe-bebê. Não me recordo mais de nada que ouvi na conferência. Mas me recordo da síntese da palestra que saiu espontaneamente dos lábios de meu professor, enquanto tomávamos um café: "Toda criança é um gira-mamãe". Comentário tão despretensioso quanto definitivo de um médico possuidor de um grande tato, de um poeta: "Toda criança é um gira-mamãe".

Falei no meu professor. Vou recuar mais no meu passado. Ambiente agitado, minha mãe aflita, meu pai preocupado. Dr. Teimo Ilha, pediatra, sentado numa cadeira de couro ao lado de minha cama, sem pressa e com voz calma, apontou um caminho. Voltou o equilíbrio a minha casa e eu, o doente, dormi e sonhei que minha cama era uma nuvem. Criança iguala "gira-mamãe", mamãe iguala "gira-médico". Sim, é função do médico ser continente dos medos de seu paciente e de todos aqueles que querem bem ao seu paciente.

Outro dia, o dr. Teimo atendeu um irmão meu, olhou para mim e disse: "Pegue seu travesseiro e venha se deitar, amanhã você estará doente como ele". Obedeci

correndo, faceiro, como é bom ser doente: quanta atenção, quanta proteção! Como evoluiriam aquelas crianças com sarampo? Teriam alguma complicação? Quantos medos deveriam afligir o dr. Teimo, uma pessoa humana que criava vínculos e que sofria, um médico. Eu me pergunto hoje: como meu pediatra lidava com os seus medos? Com o medo de perder por morte alguns daqueles seus pequenos pacientes? Com o medo de cometer um erro, um erro médico e, com ele, trazer sofrimento e sofrer também?

Meus afilhados, deixei bastante claro que os longos anos de profissão me ensinaram a importância de o médico tremer. Se um médico não aprendeu a tremer, cuidado, médico ele não é.

Começamos a segunda parte desta última aula, com a pergunta: como o médico pode lidar com o seu tremor?

Vamos abordar dois medos: o medo de ocorrer sofrimento por erro nosso, e o medo existencial e humano que sentimos, ao nos vincularmos a pessoas que estão a perigo de sofrer ou de morrer.

Para o primeiro medo: a reparação.

Para o segundo: o medo compartilhado.

"Um som de trovão", conto do escritor norte-americano Ray Douglas Bradbury, nos faz refletir sobre a reparação. Eckels, o personagem principal, vive no ano 2055. Com o avanço da técnica, já foi possível construir uma Máquina do Tempo que permite aos habitantes da Terra organizarem sofisticados safáris ao passado.

Eckels resolve matar um *Tyrannosaurus rex*. Volta no tempo levado pelo guia Travis, que o adverte:

- Não queremos alterar o futuro, muito cuidado.

O animal escolhido era caçado segundos antes da hora em que iria naturalmente morrer. E havia que se ter extremo cuidado para não matar mais nada. Nem um rato. Porque, matando um rato, todas as demais famílias oriundas desse rato não existiriam. Por falta de dez ratos, uma raposa morre. Por falta de dez raposas, um tigre morre de fome. Dali a milhões de anos, um homem das cavernas sai à caça e não encontra o tigre que iria encontrar e naturalmente comer. Esse homem morre antes de reproduzir. Significa que milhares de homens não mais nascerão. Um povo todo não existirá.

Eckels não pode pisar fora de uma plataforma suspensa. Ocorre que ele, num erro involuntário, se desequilibra e pisa com a bota direita na relva.

De volta ao ano 2055, Eckels observa que a sala de onde haviam partido estava lá, mas não era exatamente a mesma. O mesmo homem estava sentado atrás do mesmo balcão, mas o mesmo homem não estava sentado exatamente atrás do mesmo balcão. Havia algo diferente no aroma do ar. As mesmas ruas estavam lá, mas não eram exatamente as mesmas.

O cartaz de propaganda do Safári estava lá, mas algumas letras eram estranhas.

Eckels imagina o pior. Examina seu calçado. Vê barro embaixo de sua bota. Retira-o e verifica que, misturado com ele, há uma borboleta morta. Que horror, matara uma borboleta! Matar uma borboleta não podia ser tão importante assim! Podia! O planeta não era mais exatamente o mesmo.

Como reparar? Não poderá fazer a borboleta viver de novo. Nem a Terra voltará a ser o que era. Eckels acha que não há como reparar e, culpado, pede que Travis o mate. Ajoelhado, vê Travis apontando-lhe um rifle e o último som que ouve é o som de um trovão.

Eckels errou ao não perceber que reparar sempre é possível. Reparar não significa, necessariamente ressuscitar, a borboleta, nem voltar no tempo histórico. Quando erramos em relação a um ser humano, erramos em relação a toda a humanidade. A reparação, portanto, será dirigida à humanidade.

Na medicina reparamos, reorientando o tratamento do paciente vítima de nosso erro. Como nem sempre isso é possível, reparar significa também beneficiar mais e mais nossos futuros pacientes. Significa ir se tornando cada vez mais e mais médico.

Portanto, uma das maneiras de lidar com o medo de errar, no ato médico, é a certeza de que sempre teremos a possibilidade de uma reparação criativa.

Quanto ao medo existencial e humano que sentimos ao nos vincularmos, gostando de pessoas que estão a perigo de sofrer ou de morrer, sugiro o que chamo de "o medo compartilhado".

Há um poema, escrito por um médico, Paulo Guedes, que me foi passado por seu filho, também médico, Paulo Sérgio Guedes, que conta do diálogo de um pai com um filho, num barco no mar. Mais ou menos assim: "Meu filho, segura o leme que teu pai vai descansar... Meus olhos já viram muito, meus ouvidos mais ouviram, meus sentimentos sentiram o que amanhã vais sentir..." O filho reluta em pegar o leme, afirma que é apenas filho e que quando a noite escurecer no mar, as assombrações virão lhe assustar: "Quem sou eu para ocupar seu lugar?" E o pai responde, explicando que ele é seu filho. Isto significa que ele é filho do filho do Pai: "... de meu pai de quem sou filho e, quando faltar o brilho do sol que clareia o mar, me repara e verás, então, que teu medo terá medo de nós três dentro de ti".

A geração de Teimo Ilha, Pedro Martinez e Prado Veppo sentiu os mesmos medos, no trabalho médico, que a minha agora sente e que sentirá a geração que cola grau nesta cerimônia. E, sendo assim, nada mais prático do que compartilhar os medos.

Encerro, dizendo para cada um de vocês, meus novos colegas, "...teu medo terá medo de nós três dentro de ti". Na poesia e, tenho total e absoluta convicção, aqui também, neste momento inesquecível para todos nós, o filho, após ouvir o pai, com o espírito encorajado assume a nova profissão, afirmando tão alto quanto o necessário para se impor frente às assombrações: "...dai-me o leme...deitai, descansai... dai-me o leme".

Um forte abraço do amigo de sempre.

(Discurso proferido na formatura do curso de Medicina da Universidade de Passo Fundo, em dezembro de 2002.)

(Jorge Alberto Salton é médico, psiquiatra, escritor, sócio efetivo da Academia Passo- Fundense de Letras, cadeira nº 2, cujo patrono é Darcy Azambuja.)

Da Revista

Água da Fonte nº 2

Data : 19/03/2017

Título : SOBRE ANTÍGONAS

Categoria: Artigos

Descrição: Há, sim, relações que são definitivas. Não estou a falar em relações simbióticas, dependendes, que geram ataques de nervos.

Há, sim, relações que são definitivas.

Não estou a falar em relações simbióticas, dependendes, que geram ataques de nervos. De pessoas atormentadas por seu apego, não por seu amor. Que permanecem agarradas em quem se foi e que não desejam libertar-se desse apego e continuar a levar adiante a chama acesa da vida. Falo daqueles vínculos que são maduros, que são vividos com total independência, que são sérios e não sisudos, construídos a partir de grande empatia mútua e de um suceder de vivências compartilhadas de profunda intimidade mental. Fenômeno sublime e complexo, difícil de ser descrito.

Essas relações, quando as vivemos, ou quando as percebemos sendo vividas por pessoas de nosso meio, jamais esquecemos.

O irmão, Elisomero, faleceu – essas relações não acabam com a morte -, a irmã, Izete, ainda cuida dele. Cuidará para sempre.

Por recomendação de Izete, a irmã - estendo-a a todos vocês que me lêem -, reli a tragédia Antígona de Sófocles, a filha de Édipo.

Trata-se da tragédia de uma mulher que em absoluto se importa com sua vida quando se trata de ajudar seu irmão, mesmo que morto. Antígona já compartilhara sozinha da triste peregrinação do pai até a morte. Édipo, após ter arrancado os próprios olhos num acesso de loucura e de ter sido expulso de Tebas, seu reino, vagueara abandonado e temido por ser objeto de vingança dos deuses.

Os irmãos de Antígona, Etéocles e Polinice, combinaram dividir o reino entre si: reinariam alternadamente cada um durante um ano. O primeiro ano coube a Etéocles, que, contudo, ao fim de seu prazo, nega-se a entregar o reino ao irmão. Polinice foge para junto de Adrastos, rei de Argos, que lhe dá sua filha em casamento e o ajuda com um exército a sustentar sua pretensão ao trono: a famosa expedição dos Sete Contra Tebas. Como a luta prossegue sem solução por muito tempo, os dois irmãos concordam em decidir a disputa em um combate singular. Lutam e ambos morrem.

Os exércitos retomam a batalha e os invasores são repelidos. Ao trono de Tebas sobe Créon, tio dos dois príncipes mortos. O novo rei manda enterrar o corpo de Etéocles com todas as honras, mas deixa o corpo de Polinice onde caíra, proibindo, sob pena de morte, que alguém o enterre.

Novamente surge a capacidade amorosa insuperável de Antígona. Deixaria o corpo do irmão entregue aos cães e aos abutres, sem os ritos considerados essenciais ao repouso dos mortos?

Sófocles escreve uma peça a partir da decisão de Antígona de, mesmo desafiando a morte, enterrar o corpo com suas próprias mãos.

A cena inicial principia ao despontar do dia diante da porta do Palácio de Creonte. Antígona fora descoberta: “Que façanha mais gloriosa poderia ter realizado do que a de dar sepultura a meu irmão?” Seu tio, Créon, a pune com a pena de ser enterrada viva por haver deliberadamente desobedecido: “Vou juntar-me a quase todos os meus (...)”. “...minha chegada será grata a meu pai, meu querido pai, grata a ti, minha mãe e grata a ti também meu irmão bem-amado”.

Voltemos a Izete. Algumas raras ações revelam o amor absoluto, o amor que vai além das escalas de medição. O amor está na ação, na atitude.

A persistência, a paciência, a determinação, a luta de Izete para trocar de cemitério o corpo do irmão expõem o interesse pleno, o afeto profundo que uniu a ambos. É uma amostra do que sempre se passou.

Izete espera resignada a passagem dos três anos exigidos para realizar o traslado do corpo do irmão pelos quinhentos quilômetros que o separam do cemitério definitivo, da cidade onde mora Izete, onde Izete e Elisomero nasceram e cresceram.

Burocracia estenuante e enervante. Foram muitas as repartições a visitar e os carimbos a visar em meio ao arruído irritante de calçadas e de ruas de uma grande cidade. Para que tanto esforço e cansaço? Pergunta sem nexos. É óbvio que os restos de Elisomero ficarão melhor cuidados próximo aos olhos de Izete. Não há o que se discutir.

Os amigos de Elisomero queriam-no naquele cemitério onde estava, perto deles, na cidade onde se realizara como profissional, onde fizera crescer tantas coisas boas e tantas amizades e tantos admiradores. De alguns amigos mais impositivos, Izete esconde que havia conseguido permissão para o traslado. Esconde sem culpa porque sabe que sua relação com o irmão é a de um afeto imensurável e, como tal, superior à deles, que, mesmo imensa, cabe nas medidas.

Há problemas: o cemitério se situa numa colina, não existe drenagem. Muitos túmulos estão alagados. O acesso é difícil e é macabro. Há dúvida sobre em qual caixão está o corpo. Um irmão de Izete e de Elisomero sugere ao operário: “Para não estragar mais ainda o caixão, abre-o só nos fundos, se as meias forem brancas é ele...” Izete faz com que seja aberto de todo, não há de ficar dúvidas.

E para erguê-lo? Está pesadíssimo, encharcado. Finalmente, em oito conseguem o feito. Há o chacoalhar de uma coleção líquida dentro do caixão. Discussão: é água da chuva? É líquido do corpo?

Aberto de todo, vê-se quase só osso, quase nada de pele. O corpo está sem as meias brancas, de nada adiantaria ter aberto só os fundos do caixão. Vêm-se apenas as golas do moleton, nem mais os dizeres “Dom Bosco”. Para tirar todo

aquele líquido de dentro do caixão, são exigidos duzentos e vinte reais, a exumação do corpo. “Não! A questão não está no gasto adicional. É melhor viajar com tudo, pode ser líquido do corpo”, afirma decidida Izete.

Na estrada, param num restaurante. A caminhonete com o caixão está estacionada de ré, bem em frente à porta. Izete observa, entre uma mastigada e outra, que há um vazamento. Vê-se no chão uma poça. Que líquido é aquele? Alguém mais o estará vendo?

Concluída a viagem. É noite. Onde posará o caixão? Sim, existem as questões práticas em tudo o que fazemos. Por exemplo: no cemitério definitivo, antes de depositar na cova, Izete opta por furar o caixão com uma pua. Não ficará nunca alagado.

Operação concluída, Izete sente paz. É verdade que surge, por vezes, uma pontinha de intranquilidade. Deveria ter apertado mais forte a mão do irmão por ocasião da última despedida na noite anterior a sua morte? Quem ama zela não só pelas grandes, mas também pelas pequenas atitudes.

Izete nos ensina que é possível amar plenamente alguém enquanto vivo e, depois, serenamente, amar plenamente sua memória.

As Antígonas de ontem e de hoje retratam a trajetória magnífica de seres que principiam suas vidas com um vínculo absoluto, porém dependente e simbiótico, para irem alcançando pouco a pouca autonomia e, quando já de todo independentes, constroem outro vínculo absoluto, porém consciente e autoderminado. Tal capacidade nos humanos, seres que são sinônimo de vínculo, é degrau supremo.

Izete e Elisomero compartilharam seus medos. A relação que construíram foi o belo truque que lhes permitiu vidas produtivas e de qualidade.

Acabo de relatar um pequeníssimo fragmento da vida em comum desses dois irmãos, inteligentes, sensíveis e de personalidade forte. Não se trata do fragmento final. Com descortino incomum, Elisomero criou um impedimento banal, tentando impossibilitar a presença da irmã no período em que a vida provavelmente o deixaria. Tentava poupar a ambos de uma despedida. Despedida de faz-de-conta, pois em relação assim não há despedida. E é claro, uma Antígona não deixaria de estar presente nesta hora. Izete esteve sim junto com Elisomero na sua hora derradeira.

Há, sim, relações que são definitivas.

Não estou a falar em relações simbióticas, dependentes, que geram ataques de nervos. De pessoas atormentadas por seu apego, não por seu amor. Que permanecem agarradas em quem se foi e que não desejam libertar-se desse apego e continuar a levar adiante a chama acesa da vida. Falo daqueles vínculos que são maduros, que são vividos com total independência, que são sérios e não sisudos, construídos a partir de grande empatia mútua e de um suceder de vivências compartilhadas de profunda intimidade mental. Fenômeno sublime e complexo, difícil de ser descrito.

Essas relações, quando as vivemos, ou quando as percebemos sendo vividas por pessoas de nosso meio, jamais esquecemos.

O irmão, Elisomero, faleceu – essas relações não acabam com a morte -, a irmã, Izete, ainda cuida dele. Cuidará para sempre.

Por recomendação de Izete, a irmã - estendo-a a todos vocês que me lêem -, reli a tragédia Antígona de Sófocles, a filha de Édipo.

Trata-se da tragédia de uma mulher que em absoluto se importa com sua vida quando se trata de ajudar seu irmão, mesmo que morto. Antígona já compartilhara sozinha da triste peregrinação do pai até a morte. Édipo, após ter arrancado os próprios olhos num acesso de loucura e de ter sido expulso de Tebas, seu reino, vagueara abandonado e temido por ser objeto de vingança dos deuses.

Os irmãos de Antígona, Etéocles e Polinice, combinaram dividir o reino entre si: reinariam alternadamente cada um durante um ano. O primeiro ano coube a Etéocles, que, contudo, ao fim de seu prazo, nega-se a entregar o reino ao irmão. Polinice foge para junto de Adrastos, rei de Argos, que lhe dá sua filha em casamento e o ajuda com um exército a sustentar sua pretensão ao trono: a famosa expedição dos Sete Contra Tebas. Como a luta prossegue sem solução por muito tempo, os dois irmãos concordam em decidir a disputa em um combate singular. Lutam e ambos morrem.

Os exércitos retomam a batalha e os invasores são repelidos. Ao trono de Tebas sobe Créon, tio dos dois príncipes mortos. O novo rei manda enterrar o corpo de Etéocles com todas as honras, mas deixa o corpo de Polinice onde caíra, proibindo, sob pena de morte, que alguém o enterre.

Novamente surge a capacidade amorosa insuperável de Antígona. Deixaria o corpo do irmão entregue aos cães e aos abutres, sem os ritos considerados essenciais ao repouso dos mortos?

Sófocles escreve uma peça a partir da decisão de Antígona de, mesmo desafiando a morte, enterrar o corpo com suas próprias mãos.

A cena inicial principia ao despontar do dia diante da porta do Palácio de Creonte. Antígona fora descoberta: “Que façanha mais gloriosa poderia ter realizado do que a de dar sepultura a meu irmão?” Seu tio, Créon, a pune com a pena de ser enterrada viva por haver deliberadamente desobedecido: “Vou juntar-me a quase todos os meus (...)”. “...minha chegada será grata a meu pai, meu querido pai, grata a ti, minha mãe e grata a ti também meu irmão bem-amado”.

Voltemos a Izete. Algumas raras ações revelam o amor absoluto, o amor que vai além das escalas de medição. O amor está na ação, na atitude.

A persistência, a paciência, a determinação, a luta de Izete para trocar de cemitério o corpo do irmão expõem o interesse pleno, o afeto profundo que uniu a ambos. É uma amostra do que sempre se passou.

Izete espera resignada a passagem dos três anos exigidos para realizar o traslado do corpo do irmão pelos quinhentos quilômetros que o separam do cemitério definitivo, da cidade onde mora Izete, onde Izete e Elisomero nasceram e cresceram.

Burocracia estenuante e enervante. Foram muitas as repartições a visitar e os carimbos a visar em meio ao arruído irritante de calçadas e de ruas de uma grande cidade. Para que tanto esforço e cansaço? Pergunta sem nexos. É óbvio que os restos de Elisomero ficarão melhor cuidados próximo aos olhos de Izete. Não há o que se discutir.

Os amigos de Elisomero queriam-no naquele cemitério onde estava, perto deles, na cidade onde se realizara como profissional, onde fizera crescer tantas coisas boas e

tantas amizades e tantos admiradores. De alguns amigos mais impositivos, Izete esconde que havia conseguido permissão para o traslado. Esconde sem culpa porque sabe que sua relação com o irmão é a de um afeto imensurável e, como tal, superior à deles, que, mesmo imensa, cabe nas medidas.

Há problemas: o cemitério se situa numa colina, não existe drenagem. Muitos túmulos estão alagados. O acesso é difícil e é macabro. Há dúvida sobre em qual caixão está o corpo. Um irmão de Izete e de Elisomero sugere ao operário: “Para não estragar mais ainda o caixão, abre-o só nos fundos, se as meias forem brancas é ele...” Izete faz com que seja aberto de todo, não há de ficar dúvidas.

E para erguê-lo? Está pesadíssimo, encharcado. Finalmente, em oito conseguem o feito. Há o chacoalhar de uma coleção líquida dentro do caixão. Discussão: é água da chuva? É líquido do corpo?

Aberto de todo, vê-se quase só osso, quase nada de pele. O corpo está sem as meias brancas, de nada adiantaria ter aberto só os fundos do caixão. Vêem-se apenas as golas do moletom, nem mais os dizeres “Dom Bosco”. Para tirar todo aquele líquido de dentro do caixão, são exigidos duzentos e vinte reais, a exumação do corpo. “Não! A questão não está no gasto adicional. É melhor viajar com tudo, pode ser líquido do corpo”, afirma decidida Izete.

Na estrada, param num restaurante. A caminhonete com o caixão está estacionada de ré, bem em frente à porta. Izete observa, entre uma mastigada e outra, que há um vazamento. Vê-se no chão uma poça. Que líquido é aquele? Alguém mais o estará vendo?

Concluída a viagem. É noite. Onde posará o caixão? Sim, existem as questões práticas em tudo o que fazemos. Por exemplo: no cemitério definitivo, antes de depositar na cova, Izete opta por furar o caixão com uma pua. Não ficará nunca alagado.

Operação concluída, Izete sente paz. É verdade que surge, por vezes, uma pontinha de intranqüilidade. Deveria ter apertado mais forte a mão do irmão por ocasião da última despedida na noite anterior a sua morte? Quem ama zela não só pelas grandes, mas também pelas pequenas atitudes.

Izete nos ensina que é possível amar plenamente alguém enquanto vivo e, depois, serenamente, amar plenamente sua memória.

As Antígonas de ontem e de hoje retratam a trajetória magnífica de seres que principiam suas vidas com um vínculo absoluto, porém dependente e simbiótico, para irem alcançando pouco a pouca autonomia e, quando já de todo independentes, constroem outro vínculo absoluto, porém consciente e autoderminado. Tal capacidade nos humanos, seres que são sinônimo de vínculo, é degrau supremo.

Izete e Elisomero compartilharam seus medos. A relação que construíram foi o belo truque que lhes permitiu vidas produtivas e de qualidade.

Acabo de relatar um pequeníssimo fragmento da vida em comum desses dois irmãos, inteligentes, sensíveis e de personalidade forte. Não se trata do fragmento final. Com descortino incomum, Elisomero criou um impedimento banal, tentando impossibilitar a presença da irmã no período em que a vida provavelmente o deixaria. Tentava poupar a ambos de uma despedida. Despedida de faz-de-conta, pois em relação assim não há despedida. E é claro, uma Antígona não deixaria de estar presente nesta hora. Izete esteve sim junto com Elisomero na sua hora derradeira.

Data : 31/12/2003

Título : Três encontros com Cyro Martins

Categoria: Artigos

Descrição: O que são seiscentos quilômetros para um encontro com Cyro Martins?

Três encontros com Cyro Martins

JORGE ALBERTO SALTON

No almoço, após a conclusão dos debates de mais um simpósio de psiquiatria, o acaso me colocou sentado frente a frente com Cyro Martins. A segunda vez em que podia conversar pessoalmente com ele. A primeira acontecera há vinte anos.

Lá pelo ano de 1975, Cyro Martins veio a Passo Fundo para um encontro literário. Éramos seis pessoas presentes a sua palestra. Constrangido, sem saber o que dizer, comecei a lastimar o fato de sermos tão poucos participantes. Afinal ele fizera trezentos quilômetros e faria mais trezentos para retornar a Porto Alegre. De pronto, ele dividiu seiscentos por seis e concluiu cem quilômetros por pessoa presente. Depois de comentar que, quando uma reunião consegue ser um encontro autêntico entre seres humanos, para discutir coisas humanas, pouco importa a distância percorrida ou o número dos presentes, acrescentou que eu lhe havia dado uma medida objetiva: quilômetro/pessoa.

Pensou um pouco e achou que cem quilômetros por pessoa talvez não pegasse muito bem mesmo, que ficaria melhor se fosse cinqüenta quilômetros por pessoa. Sem ter certeza de que se tratava de brincadeira, fiquei ainda mais embaraçado. Aliviei-me quando ele me avisou que, naquele momento, já havíamos alcançado os almejados cinqüenta quilômetros por pessoa. Mais adiante, com a chegada de mais interessados, a equação se estabilizou em dez quilômetros por pessoa.

Essa lembrança me traz outra. Meus primeiros escritores lidos foram: Érico Veríssimo, Cyro Martins e Dyonélio Machado. Ocorre que meu pai, em termos de literatura, só lia escritores gaúchos. Esses três eram seus preferidos, mas também o vi lendo Josué Guimarães e, mais no fim de sua vida, Moacir Scliar. Mas ele lia todos os livros dos seus escritores e lia-os um número incalculável de vezes. Quando criança, às voltas com os livros de Português, Matemática e História da escola primária, livros que lia o mínimo obrigatório e só uma vez, eu não conseguia compreender como é que meu pai estava ali, naquele sofá, de novo com O Continente, na mão. As semanas se passavam e lá estava ele de novo, relendo um

livro que eu já o vira ler nem sei quantas vezes. Que sensação de enfado isso me dava! Um dia, um pouco mais crescido, sugeri que fizesse uma marca no livro após cada leitura. Ele bem que tentou: o Estrada Nova, que ainda tenho, apresenta uma fileira de risquinhos na última página.

Quando me encontrei pessoalmente, pela primeira vez, com Cyro Martins, já não recorria mais à matemática, havia muito tempo. Recai, por pura ansiedade de me ver frente a frente com um dos meus primeiros escritores, e não pude aproveitar, como gostaria, aquele momento único.

No segundo encontro, durante o almoço, e após a conclusão dos debates científicos, tomamos alguns copos de cerveja juntos, e chegamos a um tema sempre questionado: Só escrevemos um texto literário forte, quando o fazemos a partir de nossas vivências infantis e adolescentes? Quando nossas vivências coincidem com as de um segmento significativo da população, nosso texto se torna definitivo e até mesmo histórico?

Ernilo Stein escrevera: "Cyro Martins converteu em monumento literário o lado de sombras de nossa realidade".

Será que Cyro o fez porque o "lado de sombras" esteve muito visível nos seus primeiros anos de vida? Ou seja, será que vale também para o escritor aquela conhecida assertiva: a fruta nunca cai muito longe do pé? Será que somos todos, no fundo, memorialistas?

No final, como o almoço estivesse se esvaziando, já em ritmo acelerado, trocamos algumas lembranças pessoais sobre as vivências de um cidadão que mora no interior.

Saí desse segundo encontro, profundamente gratificado e já pensando no terceiro. Pois Cyro Martins teve a bondade de me convidar para visitá-lo e o fez com insistência, a ponto de me convencer que não iria importuná-lo.

Conforme o combinado, iria telefonar-lhe dentro de alguns dias, avisando quando estaria de novo em Porto Alegre. É claro que eu estaria em Porto Alegre a qualquer dia e a qualquer hora. O que são seiscentos quilômetros para um encontro com Cyro Martins?

Nos dias seguintes, havia dentro de mim uma suave sensação de euforia. Resisti ao ímpeto de telefonar-lhe imediatamente. Aguardei alguns dias mais. E foi então que soube de sua hospitalização.

O terceiro encontro não houve. Porém, conservo dentro de mim alguns dos diálogos que, imaginei, teríamos. Seria o mais gratificante de todos os encontros. O convite recebido foi um grande presente de Cyro. Ajuda a contrabalançar a sensação irrecuperável de perda, perda doída.

Sei que o terceiro encontro corresponde ao desejo e à frustração de todos os que aprendemos a admirar a pessoa e a obra de Cyro Martins. Somos uma legião imensa, na qual não esqueço de incluir meu pai. Resta-me fazer como ele: reler Estrada Nova tantas vezes, a ponto de esquecer de enumerá-las com mais um risquinho na última página.

Da revista

Água da Fonte nº 0

